



JORNAL DA USP



Home > Artigos > [Netiqueta](#)

Artigos - 15/03/2019

Netiqueta

Jean Pierre Chauvin é professor de Cultura e Literatura Brasileira da Escola de Comunicações e Artes (ECA-USP)

Editorias: [Artigos](#) - URL Curta: jornal.usp.br/?p=230217



Jean Pierre Chauvin – Foto: Marcos Santos/USP Imagens

[...] *tantas palavras cujo uso por tanto tempo reduziu as asperidades* (Michel Foucault)[1]

Inventio

Em tempos de terraplanistas, pseudofilósofos e *youtubers* a suplantar pensadores, livros, alunos empenhados e pesquisadores sérios, pareceu-me relevante experimentar o diálogo mais convencional com os estudantes da universidade. De que se trata? De lembrar algumas dicas àqueles que dirigem missivas aos docentes.

Para isso, poderíamos recorrer a livros com receituários pretensamente instantâneos reservados ao chamado mundo corporativo (por sinal, reparem que quase não há títulos voltados para o universo acadêmico...). Eventualmente, consideraríamos postar um vídeo explicativo para “agilizar”, “facilitar”, “mastigar” a inteligência da mensagem.

Mas, a matéria é demasiado simples. Creia-me. Afora isso, tratar dela através da forma texto reforça o pressuposto de que a leitura pode nos tornar cidadãos mais críticos, cidadãos melhores, sujeitos mais atentos ao universo da palavra, ciosos da linguagem etc.

Passemos ao que interessa. Neste texto, sugerir-se-á uma maneira eficaz e respeitosa de redigir cartas eletrônicas. Após apresentar e comentar as cinco partes que compõem o *e-mail*, será registrada uma justificativa com o fito de angariar a simpatia do leitor que tiver se arriscado.

Dispositio

O *e-mail*, ou correspondência eletrônica, compõe-se de cinco partes: 1. Assunto; 2. Vocativo; 3. Corpo da Mensagem; 4. Agradecimento; 5. Saudação/Assinatura.

Tendo em vista o crescente número de mensagens que os professores recebem diariamente, recomenda-se que o missivista descreva sucintamente (em duas ou três palavras) o teor da mensagem. Para isso existe o campo [*Subject*]. Alguém poderia objetar: “por que duas ou três palavras?”. Para que a extensão do campo [*Assunto*] não soe nem como telegrama (por exemplo, TCC), nem como desabafo (Pedido de orientação para TCC sobre...). Que tal: “Orientação de TCC”? Transmite sobriedade e equilíbrio (nem pragmatismo, nem comoção).

No campo reservado ao texto, sugere-se dirigir-se respeitosamente ao destinatário. Aqui podem valer as antigas regras da *Ars Dictaminis*, aplicadas por Martinho Lutero, Erasmo de Roterdã, Manuel da Nóbrega, José de Anchieta, Antônio Vieira ou Manuel Bernardes – para citar apenas

alguns dos habilidosos filósofos ou correspondentes de diferentes religiões ou ordens, que viveram entre os séculos XVI e XVII. James Murphy já nos tinha ensinado que as artes de escrever cartas orientavam a considerar o grau do destinatário, antes de o irmão, o padre, o provincial ou o geral aprontar e remeter as suas missivas:

Julius Victor também assinala as diferenças provocadas pelo social status de remetente e destinatário. Se alguém escreve para um superior, a carta não deve ser jocosa; se para um igual, não deve ser descortês; se escreve para um inferior ele não deveria ter orgulho. A carta familiar deve adequar-se à ocasião, fosse para consolar ou o que mais fosse necessário para acomodar a situação.[2]

Evidentemente, se as noções de “superioridade”, “igualdade” ou “inferioridade” incomodarem o autor do *e-mail*, considere sinônimos que as traduzam melhor. Por exemplo: tempo de vida, experiência, papel social, atuação profissional etc.

Em tese, o corpo do texto contém três breves seções: 3. 1 – Apresentação do emissor; 2. Descrição/Narração; 3. Petição. Se somarmos o Campo [Assunto] ao Vocativo e Corpo de Texto, a mensagem adquiriria, mais ou menos, esta forma:

[1]
Orientação de TCC (Assunto)

[2]
Prezado Professor [Nome do Docente], (Vocativo, seguido de vírgula)

(Após o Vocativo, salte uma linha e redija o corpo de texto em três partes):

[3.1] (Corpo de Texto: Apresentação do Emissor)

Chamo-me Xisto de Xistoide. Curso o penúltimo semestre do curso de [Nome do Curso em andamento].

[3.2] (Corpo de Texto: Descrição/Narração)

Acessei o seu currículo e, considerando as suas áreas de atuação...

Ou

Colegas da turma que frequento sugeriam que eu entrasse em contato com o senhor/você, já que...

[3.3] (Corpo de Texto: Petição)

Desta forma, e considerando que pretendo estudar a obra/teoria/fórmula/procedimento do autor/físico/filósofo/médico, consulto-o sobre sua disponibilidade em orientar a pesquisa em andamento.

(Se você chegou até aqui, agora resta quase nada: apenas agradecer, despedir-se e assinar a missiva. Vejamos:)

[4][3] (Agradecimento)

Antecipadamente grato,

Ou

Muito obrigado,

Ou

Ficaria muito feliz se o senhor/você aceitasse esse convite. Obrigada.

[5] (Saudação)

Um abraço,

Fulana de Fulanoide

Argumentum

Suspeito fortemente que algum(a) internauta poderá torcer o nariz e supor que este educador se sintá, seja ou soe arrogante, reacionário, conservador, ressentido, ranzinza ou coisa que o valha. Humildemente, peço que reconsidere tal juízo apressado e equivocado. Ao professor cabe professar. Não posso me furtar ao desejo de compartilhar coisas que talvez saiba ou aprendi.

Recorro a um argumento de autoridade, se me permite. Em uma de suas memoráveis aulas, Roland Barthes afirmava que nós, professores, temos duas funções primordiais: “pesquisar e falar”[4]. É claro que desejamos dar voz aos alunos e incentivá-los a ler, escrever, escutar e também falar...

É por isso mesmo que o convido a interpretar esta missiva, disfarçada feito artigo de jornal, como convite a refletir sobre o papel dos docentes em sua trajetória acadêmica. Soa piegas, sei bem; mas, para não misturar matérias, deixemos a tríade *ethos/logos/pathos* aristotélica[5] para outra correspondência, quem sabe neste mesmo canal.

Por enquanto, retenha, por gentileza, o argumento de que não estou a conservar nada, mas a resguardar o tanto possível de nossa dignidade profissional e acadêmica.

Muito agradecido.

Uma saudação fraterna de seu *muy* humilde,

J.P.C.

[1] *L'Ordre du Discours*. Paris: Gallimard, 2016, p. 10.

[2] James Muprhy. *Rhetoric in the Middle Ages: a history of rhetorical theory from St. Augustine to the Renaissance*. Berkeley: University of California Press, 1974, p. 196.

[3] Estas formas, além de respeitosas, evitam as famigeradas abreviaturas impessoais e deselegantes, ao final da mensagem, como “Att.”.

[4] *Aula*. 14ª ed. Trad. Leyla Perrone-Moisés. São Paulo: Cultrix, 2004, p. 8.

[5] *Retórica*. Trad. Edson Bini. Bauru: Edipro, 2011.



Política de uso

A reprodução de matérias e fotografias é livre mediante a citação do Jornal da USP e do autor. No caso dos arquivos de áudio, deverão constar dos créditos a Rádio USP e, em sendo explicitados, os autores. Para uso de arquivos de vídeo, esses créditos deverão mencionar a TV USP e, caso estejam explicitados, os autores. Fotos devem ser creditadas como USP Imagens e o nome do fotógrafo.